

Com a devida vénia transcrevemos do «Diário de Lisboa» de 11 e 19 de Maio alguns trechos de artigos do ex-professor universitário sr. dr. Silvio Lima.

«Agora que sobre o miserando episódio catastrófico do Minho são volvidas algumas semanas, saibamos reflectir serenamente um instante sobre a *essência* do recente sinistro ferroviário.

O que parece ter horrorizado alguns sectores da opinião pública é, propriamente, não o desastre ferroviário considerado em si mesmo como desastre, mas o *volume* do desastre como *volume*.

Enquanto *mosquito*, o facto não merece importância de maior; volta-se o mosquito em *elefante*, o grão de pó em *montanha*, a gotícula em *oceano*, e então, sim, o problema brota, inquietante. Esta atitude é, manifestamente, absurda e perigosa.

E ainda se esse arrepio colectivo soubesse traduzir-se em *pressão crítica*, em ambiente psíquico-moral, que levasse os homens a reformar as coisas, a racionalizar o irracional!

D. de L. de 19-5-38. «Passos de Nível».

canção de embalo
para as virgens dos portos

O coração do poeta é oiro estilhaçado
que vai semeando no seu caminho.
Oiro caído, é oiro perdido,
que o poeta não volta para o regar.
Vão acenar-lhe da largada
como se êle partisse para o cabo do mundo
que o horizonte é largo e o mar é fundo
e êle não tornará.
Ondas vencidas, são ondas perdidas,
que o poeta só tem saúdaes do que virá.
Quantos lenços acenados na viagem,
quantas virgens nas manhãs de nevoeiro!
Nuvem de longe não o traz consigo,
que o poeta é cata-vento:
só tem saúdaes do que virá.
Em cada praia chegada
há luzes festivas na areia:
A voz de mel do poeta triste
é canto feiticero de sereia.
Canta, canta, que a tua voz maguada
tenha a tristeza do bem perdido
dos sonhos azuis que o embalaram.
Ai! que dos olhos da barca
se vêem estrêlas a brilhar.
Canta, canta, para o tesoiro perdido
que a esperança lá irá naufragar.
Nem a noite, nem o dia, o trarão consigo:
O horizonte é largo e o mar é fundo:
há outras paragens, no cabo do mundo,
para êle descobrir e enfeitiçar.

Fernando Namora

«Pois quê! Será possível uma *filosofia* da gorjeta? Sem dúvida. Para o verdadeiro espírito crítico tudo que existe no mundo é susceptível de ser *filosofado*, de ser *mentado*, de ser objecto de cogitação. Só o frívolo julga que há temas *leves* e temas *profundos*. Ora tudo é (ou susceptível de o ser) profundo para quem sabe aprofundar tudo. O superficial não reside nas coisas; reside no *espírito* mediante o qual se olham e se penetram as coisas. Neste artiguinho pretendo «filosofar» *moralmente* a gorjeta, mostrar a irracionalidade sobre que *ela* assenta, frizar a degradação *ético-laborista* que encerra a gorjeta.

Repare o Leitor: a gorjeta está, em primeiro lugar, dependente de factores *humorais*, viscerais, da boa ou má disposição do indivíduo, da prodigalidade ou avareza de cada qual. Cada cidadão põe ou infunde na espórtula um pouco do seu estado de alma; parafraseando o subtil Amiel, direi: a gorjeta (como a paisagem) é um estado de alma.

D. de L. de 11-5-38. «Filosofia da Gorjeta».

que é a dialéctica?

rença é enriquecimento. Nenhum pensamento, nenhuma realidade pode existir «em si», ou seja: destacada, estéril, isolada do devir. Tôda a existência determinada está em relação com outra que exista (Sein für anderes); (1) ela está relacionada com a vida total do mundo, obrigada a sair de si. O outro, o segundo termo, é tão real como o primeiro, e sobre o mesmo plano, na mesma esfera. Êles agem reagindo um sobre o outro (acção recíproca). Impossível por isso de parar aí; é necessário ir mais longe. A negação é negada pela sua relação com a afirmação. No terceiro termo reencontra-se o primeiro, mas mais rico, mais determinado, superior—os seus limites foram destruídos pela sua negação e pela negação da negação, encontrando-se resolvida a contradição que o empurrou para lá dêle mesmo. (2)

A representação do nada não é mais ainda do que a representação, abstrata e vasia, do movimento e da infinita

fecundidade. A metafísica do nada pára a representação no seu começo e mutila o espírito. Hipotetizar o nada é negar o terceiro termo. A negação é excedimento (Aufheben). Todo o pensamento, tôda a realidade, é obrigada pela vida a exceder-se, a sobrepassar-se e a acabar por reencontrar-se numa realidade mais alta que a envolve como conteúdo, aspecto, antecedente, condição, momento.

E' o Terceiro termo que torna «pensáveis», as relações e as contradições. Tomados isoladamente (pelo entendimento, pela metafísica) os termos em presença são simplesmente absurdos sendo formais e figurados. Não se vê como êles podem ser distintos sendo ligados e diferentes sendo unidos. Não se vê como êles podem nascer e formar-se, e como a oposição é uma relação. O pensamento oscila, êle vai dum contrário ao outro, sem fim; esta vertigem não pára senão fixando-se, por um decreto arbitrário e mistificadôr, numa ficção uni-lateral e abstrata. A metafísica eterna os conflitos, ou nega-os numa entidade. (3) Na dialéctica, pelo terceiro termo, êste movimento informe ou figurado retoma a sua verdade de desenvolvimento.

(1) — «Um sêr determinado, finito, é um sêr que se relaciona com outro; é um conteúdo que está em relação necessária com outro conteúdo, com o mundo inteiro» (Wiss. des Logik, pag. 83); cf. A discussão do princípio de identidade, (II, pg. 66-71).

«A lógica é a ciência não das formas exteriores do pensamento mas das leis do desenvolvimento de «tôdas as coisas materiais, naturais, espirituais», ou seja do desenvolvimento de todo o conteúdo concreto do universo e do conhecimento, ou seja a soma, o resultado da *história* do conhecimento do mundo».

(2) — «A natureza do finito como tal consiste em exceder-se, em negar a sua negação, em tornar-se infinito» (W. d. L., p. 148).

Notas de W. J. U.: «Na realidade o finito e o infinito fazem uma única coisa».

—«O absoluto e o relativo, o finito e o infinito, são partes, degraus do mesmo universo...»

(3) — Eis porque Kierkegaard, Heidegger, etc., combatem a dialéctica hegeliana.

Para Kroner (*de Kant a Hegel*), para J. Wahl (*a consciência desgraçada em Hegel*), a unidade dos contrários é um facto absoluto, irracional, de natureza mística, fora do qual se move a dialéctica e de que ela não é mais do que uma tentativa de expressão conceptual. (cf. J. Wahl, obr. cit., pag. 29). Esta interpretação implica uma deformação da noção de terceiro termo. (O imediato, captado por uma intuição primeira, não passa no *aufheben*, não é levado. Só progride a expressão...)